



### III CONCURSO LITERÁRIO VITA ALERE- 2020 MEMÓRIA VIVA: HISTÓRIAS DE SOBREVIVENTES DE SUICÍDIO

#### CATEGORIA II: ENLUTADOS PELO SUICÍDIO

##### 2º. Lugar

#### VI VÃO E VI VENDO

**Autora: Araton Cardoso Costa**

Sua lembrança permanece, indiferente à distância entre o dia de hoje e o ontem da partida. O tempo corre diferente, eventualmente pedindo socorro, pois se eu corro é para escapar da memória que me persegue como a pena a um fugitivo. Aí cabe a ideia da sobrevivência. Vão-se 14 anos, dois setênios aguardando o terceiro, e que me fará ter passado mais tempo sem tua presença do que diante de teus cuidados. Duas vidas distintas, tensionadas pela dor como a corda que eu imagino ter te retirado a vida e as palavras.

Ter acompanhado esse processo, e resgatá-lo percebendo suas marcas, é assustador. Lembro do dia em que presenciei teu choro desesperado pelo amor, doentio, que se acabara (e levava junto tua sanidade). Eu vi teu mergulho, após tantos sobressaltos e supressões, na depressão. Tua insônia era vivida por mim, tirava-me o sono. Teu desânimo era um fardo que tornava meu cotidiano pesado, que só não me derrubava pela exigência de sustentar o que restava da casa. E de mim. Os meses até tua decisão de pôr fim à vida foram tão sofridos quanto confusos, por terem passado sem que eu notasse. Só fui vivendo, indo. Levando.

Até esse dia, segui trabalhando. O namoro deu fôlego, mas também angustiou quando a pressão pela produção no trabalho e o teu adoecimento afetaram meu corpo a ponto de não conseguir sustentar qualquer prazer. Precocemente, a vida parecia fadada ao sofrer. Saí à busca de trabalho (não para mim) na esperança de que a ocupação pudesse tomar o espaço hegemônico pela tua dor e desamparo. Em vão, pois negaram a ti, pela idade, que já não era sana, a possibilidade de uma sobrevida. E doeu, segurei às lágrimas ao receber essa sentença do gerente no bar. Beirando à terceira idade, teu destino era o ocaso.

A loucura tomou conta de ti e o rompante da violência estimulou a por fim à vida daquela que outrora fora teu amor. O patriarcado tinha feito mais vítimas numa trama recheada de violências. O fim da tua jornada era o início da culpa que carrego até hoje ao pensar que poderia ter sido diferente. Evitar não só a morte dela, mas também a tua, que viera poucos meses depois. Daí que “sobrevivência” passa a ser uma precisa definição para a vida que tentava resistir a essas mortes e a presença inexplicável da sensação de responsabilidade.

A noite que antecedeu a primeira morte e o estranho desconforto que me acompanhava



e não encontrava definição. Quatro meses depois, a tarde em tua companhia na qual conversamos sobre inúmeras coisas e a sentença de uma vida prestes a acabar, ainda carregada de amor e pesar: “eu estraguei tua vida, né, filho!?”. Engraçado, essa frase passa meses adormecida e, de tempos em tempos, emerge e ecoa em períodos simbólicos. O abril que abre o espaço para a memória sofrida, o agosto que celebra a dor da presença que não tenho, e o setembro do teu aniversário e fatídica partida. Quando nos despedimos, a mesma sensação. Há algo de estranho no ar, o prenúncio de uma tragédia. Hoje uma certeza. Ontem uma dúvida. No dia seguinte, meu telefone toca. Era meu tio, seu irmão. Ao atender e reconhecer sua voz, eu já soube. Decidiras te enforcar. Era o fim. Todo o processo de luto, mais uma morte, e a imagem de teu corpo suspenso emerge toda vez em que passo pelo parque recheado de árvores. Qual delas deverá ter sido tua escolhida?

Eventualmente ainda choro pela tua partida. Confesso que tem escasseado. Não porque não sinta a tua ausência. Mas hoje consigo, cada vez mais, compreender o que se passara naquele período. E tenho tido certeza de que não estragaste minha vida, meu pai. Foi duro, difícil, com certeza. Perdi o ânimo pelo meu emprego, abandonei-o, fiquei desempregado. Fui acolhido pela minha companheira e sua família, ainda que com olhares desconfiados pela tragédia que eu representava.

Mas a vida andou, a sensação de desespero e incerteza me perturbou algumas vezes. Mas eu consegui outro emprego. Decidi voltar a estudar, entrei na universidade. Fiz intercâmbio, me formei. Ingressei na pós graduação e tornei-me trabalhador da saúde mental. Para compreender o sofrimento que se tornou insustentável a ti, ter a oportunidade de evitar a repetição de outras histórias como a tua (ou a minha), não sei. Já me perguntei isso. Não sei se há resposta. Ou se a desejo.

Os Racionais MC's lançaram em 1997 o histórico álbum “Sobrevivendo no inferno”, com os temas, cores e rimas da vida nas favelas e na prisão. Eu era um adolescente e nossa tragédia ainda morava no futuro. No ano de tua morte, eu, sem saber, sobrevivia no inferno. Hoje sigo com a sensação de saudade, mas reconheço que minha vida seguiu. Tornei-me um homem mais maduro. Um pouco melancólico. Mas meu olho ainda brilha de amor à vida. Desejo muitas coisas, eventualmente ainda me sinto “meio” perdido e atrapalhado. Mas estou vivo.

Anos depois, em 2002, o mesmo grupo lança o álbum “Nada como um dia após o outro”. O Brasil era tetra, quatro anos depois perderia para a França. E eu te perderia. Mas hoje, quando olho pra trás, lembro desse álbum e de uma de suas faixas, porque falam do meu momento. Mesmo em meio à uma pandemia global, mais racional e sem deixar de ser sentimental, sigo “vivão e vivendo”. Salve Mano Brown, sei que “não é pessimismo, é assim que é”. Beijos, meu pai. Saudades. Apesar disso tudo, “eu tenho fé, amor e afeto no século 21”.